

INSPIRAÇÃO MISCELÂNEA

Jornal feito em parceria com o Diretório Acadêmico de Arquivologia – Gestão 2009-2010 – Ed. nº1 – Setembro de 2010

EDITORIAL

Depois de algum tempo de tentativas junto a alguns discentes, docentes e integrantes do DACAR (Diretório Acadêmico de Arquivologia/UNIRIO), conseguimos dar realização a este projeto, um jornal voltado para o nosso curso de Arquivologia. Ansiosos que estamos para perceber os resultados deste projeto, visamos os seguintes objetivos: a integração entre os leitores; a circulação de novas idéias; a divulgação de informações importantes para nosso público alvo; e a organização dos estudantes para que possam dar continuidade e rumo a este pontapé inicial. Buscamos, ainda, – dentro das possibilidades –, discutirmos novos rumos para a Arquivologia, seu papel (ou papéis) dentro da nossa organização Social. Tal como escreveu C. Wright Mills, “Ninguém está ‘fora da sociedade’; a questão é saber o lugar que se ocupa dentro dela” (1982, p. 199). Portanto, almejamos atingir o máximo de leitores, buscando sempre, ser reconhecidos pela qualidade, relevância e interesse do leitor pelo que publicamos.

Bruno Ferreira Leite.

CARTAS E E-MAILS

Penso em como será para algum sujeito que hoje busca ler os e-mails de um grande escritor, de alguma personalidade, ou ainda, verificar as comunicações realizadas entre líderes de governos, diálogos entre ministros, entre embaixadores, etc. Daqui, sei lá, uns vinte anos – visto a velocidade com que enviamos um e-mail e com a mesma velocidade que os destruímos –, teremos acesso a estes documentos?

Por exemplo, uma peça sobre a Clarice Lispector foi feita a partir não somente dos seus contos e livros, mas também com base em suas cartas... Isso talvez (aqui sem dúvida há um pouco de futurismo) seria um pouco difícil de ser feito se não pudéssemos conhecer um pouco mais sobre o que pensava a escritora (ele era mulher, cara. brincadeira), sobre o que escreveu a outros, com quem mantinha contato, etc. Se já é complicado compreender isso pelos livros, imagine sem documentos íntimos que facilitem conhecer as vidas de quem quer que se deseja. E como será com os documentos oficiais tramitados digitalmente e enviados às “lixeiras virtuais”? Documentos que por vezes revelam as relações políticas para a tomada de decisões e que não deveriam ser descartados...

Como disse antes, há um pouco de (você tinha dito isto! rs) futurismo. Porém sabemos que manuscritos importantes e às vezes até com grande valor histórico são também destruídos.

É interessante pensar que as vídeo-conferências se tornarão mais comuns, e o que poderia ser registrado... Talvez não seja; Será que as reuniões atuais são ao todo registradas?

Eu penso um pouco sobre essas coisas futuras, afinal, em parte já lidamos com elas... Ora quantas vezes já não limpamos nossas caixas de e-mails? Quantas vezes já tomamos decisões, já pensamos em alguma coisa que nos sejam importantes, que criamos digitalmente?

Enfim, como será o amanhã, visto que em parte o amanhã já está acontecendo?

Edgar de Carvalho Santana
5º período de Arquivologia - UNIRIO

A IMPORTÂNCIA DOS ARQUIVOS DOS DIRETÓRIOS ACADÊMICOS E A MEMÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Foi diante da organização e disponibilização para os pesquisadores da documentação da antiga Assessoria de Segurança e Informação - ASI, da Universidade Federal Fluminense - UFF, órgão ligado à Divisão de Segurança e Informação - DSI, do Ministério da Educação - MEC, que à época estava subordinado ao Serviço Nacional de Informação - SNI, como todas as demais universidades públicas federais, que tive uma experiência ímpar com documentos acerca do período da Ditadura Militar no Brasil, de 1964 a 1985. Assim, pude constatar nesses documentos e informações a importância dos Diretórios Acadêmicos e dos movimentos estudantis das universidades. Essa experiência a partir de 1997 até 2006, deu-se por meio do fundo documental ASI, no qual foram encontrados documentos sobre os Jornais dos Diretórios Acadêmicos da universidade, cartazes sobre os cantores e compositores como Chico Buarque de Holanda e Milton Nascimento, e outros artistas que não podiam cantar nas universidades, os livros que eram proibidos e que não podiam constar nas Bibliotecas Universitárias, Pedidos de Busca e Informações, telegramas e fichas. De forma geral, houve a regulação e o controle político-ideológico dos alunos e professores durante a Guerra Fria entre EUA e URSS, nos anos que se seguiram após a II Guerra Mundial, principalmente nos anos de 1960 a 1980.

Houve um projeto no início deste século XXI, que partiu da iniciativa de instituições de memória no Rio de Janeiro, e que pretendia ser um Centro de Referência dos Movimentos Estudantis no Brasil, incluindo acervos provenientes da União Nacional dos Estudantes - UNE, criada em 1937, no período do presidente Getúlio Vargas, e dos Diretórios Centrais de Estudantes - DCE's. Mas para tal empreendimento, não se pode deixar de considerar os Fundos Documentais dos Diretórios Acadêmicos de todos os cursos universitários, que são conjuntos documentais

significativos sobre a memória do estudante brasileiro que se encontra nas universidades públicas e privadas. Estive conversando com alguns colegas arquivistas sobre estes acervos provenientes dos Diretórios Acadêmicos, que apesar de não fazerem parte integrante da estrutura hierárquica das universidades, devem ser custodiados, tratados e disponibilizados aos pesquisadores pelos arquivos centrais das mesmas, pois se constituem na memória do movimento estudantil no Brasil.

Na UNIRIO temos exemplos importantes de Diretórios Acadêmicos, somente para citarmos alguns deles: o Diretório Acadêmico Afonso Arinos, da Faculdade de Direito, o Diretório Acadêmico Chico Mendes, do Curso de Biologia, e o Diretório Acadêmico do Curso de Arquivologia José Pedro Esposel, arquivista e historiador emblemático para a Área de Arquivologia. Destaca-se o Prof. Esposel na luta pela valorização dos arquivistas, que esteve à frente da criação da Associação dos Arquivistas Brasileiros - AAB, e criação de cursos de Arquivologia, como os da UFF e da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, nos anos de 1970. Observamos que os Diretórios Acadêmicos da UNIRIO escolhem a dedo nomes de homens perseverantes, emblemáticos para suas respectivas áreas, com suas causas definidas, que lutaram pelos seus ideais e convicções, assim como os estudantes que se mobilizam pela melhoria de seus cursos, pelas grandes causas políticas e democráticas do país, e suas ações se refletem nos documentos e informações neles contidas.

Profa. Rosale de Mattos Souza
DEPA/CCH/UNIRIO

CONTO DO ARQUIVO: UM USUÁRIO NÃO COMUM



- Olá, bom dia!
- Olá, senhor! Qual o seu nome, por favor?
- Meu nome é Erúdito, com acento no “u” mesmo. Sou Filósofo. E qual o seu nome?
- Meu nome é Silva, sou o Arquivista que irá lhe atender. Sobre o que deseja pesquisar?
- Bem, na verdade, não venho a este local em busca de documentos, busco nesta visita, saber do que trata um arquivologista, e acho que o senhor poderá me ajudar.
- Sim, claro. Mas saiba que não sou um “arquivologista”, o nome correto é “arquivista”.
- Sim, eu sei, apenas quis começar nossa conversa instigando o senhor... Pois bem, caro arquivista, gostaria de saber com quais materiais os senhores trabalham. São muitos os tipos de documentos, estou certo?
- Sim, caro filósofo, está correto. Trabalhamos com todos os tipos de matéria em decomposição...
- Mas como assim, matéria em decomposição?
- É, pois trabalhamos com substantivos e materiais orgânicos.
- Mas, senhor arquivista, o que seriam esses substantivos e materiais orgânicos?
- São os mesmos materiais encontrados neste local.
- Pois bem, o caro colega diz que trabalha com materiais orgânicos, que posso estar a enxergar neste local, certo?
- Sim, o senhor está correto.
- Então os listarei para o senhor, pois vejo e sei que neste local há: papel, derivado das árvores, nas quais pessoas já estiveram sob sua sombra; vejo plástico, que é usado para acondicionar alguns documentos e é derivado do petróleo; sei que aqui deve haver pergaminho, material tirado do couro das ovelhas; deve haver pano, pois esses já foram usados para a fabricação de papéis de trapo. Então, caro arquivista, acho que citei todos os materiais com os quais o senhor trabalha. Por acaso, esqueci de algum?
- Sim, mas de apenas um!
- Sério?! E qual seria o tipo de matéria com a qual o senhor trabalha que eu não citei?
- O senhor esqueceu-se de citar a si mesmo.

Por Bruno Ferreira Leite
5º período de Arquivologia - UNIRIO
Membro do Diretório Acadêmico de Arquivologia - DACAR